TL7003-2

Zé, querido irmão

Abraços de todos nós. Não pude satisfazer o que desejavas de mim; não te peço desculpas, peço apenas para compreenderes um pouco o que me vai na alma ... de um "veterano" (=envelhecido) combatente da Pátria como tu.

I. 1 - Vieram mensageiros teus mas não traziam nada escrito de ti. O desmantelamento (na Indonésia) aconselhou-nos a tomar as devidas precauções. Não te respondi por questão de segurança, portanto. Talvez não consigas compreender estes métodos (complicados) de trabalho mas não é tempo para falarmos sobre isto tudo. Aqui, no mato, aprendemos a apertar o cinto, mesmo quando estamos debaixo de um coqueiral carregado. O barulho da queda dos cocos denuncia e nem comemos, porque entramos logo "em batatada"... Só te peço para continuares a confiar ... em nós!

Para a segurança dos trabalhos, procura entender que a iniciativa das redes deve pertencer-me. Conheço o suficiente (aquando estive em Dili) para poder "procurar" alternativas. Toda a espera ou toda a demora devem ser entendidas como resultantes dos condicionalismos impostos.

Eu sei e compreendo melhor agora que uma melhor (rápida e eficiente) coordenação entre ambos é efectivamente produtivo para a Luta. Todavia, é esta Luta, nas suas variadas e complexas situações, que nos exigem moderação até nos nossos movimentos. Aqui, no mato, os combatentes costumam definir assim : a situação é que comanda!

II. 2 - Mandei, com um grande atrazo, os dados sobre o massacre do dia 12. Foi-me, assim como à organização clandestina, materialmente difícil enviar em tempo oportuno, mesmo sabendo que a reunião da CDH, em Genebra, devia ser bem explorada. No entanto, creio que os depoimentos prestados pelas testemunhas oculares tiveram, assim mesmo, o impacto que desejávamos, apesar de teres abandonado a sala ... compreendemos !

As listas dos mortos, desaparecidos, presos, feridos e perseguidos servirão para uma campanha, "extra" para chamar a atenção sobre :

a - a credibilidade do KPN ("team" de investigação indonesio)

b - a situação prevalecente no território que até impede os próprios timorenses a recolher dados satisfatórios sobre os acontecimentos

c - o alcance global da violação dos DH, pois é imperioso que se passe definitivamente da acanhada visão das violações individuais à óptica da violação dos Direitos Fundamentais de todo um Povo.

d - a necessidade de investigação internacional sobre todo o processo desde o seu início.

3 - Eu desejava tecer, sobre o último ponto, umas considerações. Não será fácil, como nunca foi, Jacarta aceitar essa obrigação. Vejamos até que, se aparentemente a DPP não viria com tal missão, a visita podia ter assumido o carácter de "fact-finding mission". Não porque ela pudesse inocular-se dessa natureza, mas ninguém evitaria que a DPP regressasse com o carácter eminentemente de uma "missão de inquérito", carácter que lhes seria "imposto" pelo nosso Povo.

Foi magistral a tua intervenção que obrigou os indonésios a renderem-se e aceitarem "formular convite" para a vinda do Relator Especial dos - DH. O Representante de Butros-Ghali esteve cá e não devia ter adiantado muita coisa ao que Pieter Koojmans conseguiu. O facto é que nem sequer pôde reparar no excepcional dispositivo de segurança que rodeou a sua curtíssima estadia. Até o hotel, onde se hospedou, tinha tropas, fàcilmente despercebidas ... ou não fossem javas e não soubessem trajar a civil. Santa Cruz parecia assistir ao enterro de algum presidente. Mas regressemos ao assunto.

Portugal já endossou o diálogo sem pré-condições, com a participação dos timorenses. Negociações directas, foi a terminologia, e necessito de saber - que intenções diplomático-estratégicas encobre. Mas foi o passo que faltava. O que é certo é que não será de ânimo leve que Jacarta vai já pôr a corda ao próprio pescoço. Não existem sinais de menor tolerância por parte dos falcões indonésios. A opressão e domínio mereceram novos métodos de actuação, aparentemente menos repressivos, e pràcticamente não é muito fácil escapar-se a este tão eficiente controlo. Falo de Dili, porque no interior as facilidades de controle - sempre foram maiores.

O massacre do dia 12 não falou por si, deu relevo a todo este processo de crimes. Mas Jacarta, apesar de ter compreendido a profundidade da mensagem de sangue, não pretende ceder. É neste clima que te escrevo, nas vésperas da (provável) chegada do "Lusitânia Expresso". E creio que, se não bastam, são já - suficientemente elucidativos os preparativos, as manobras, as movimentações e o nervosismo dos ocupantes ... em relação a uma missão/objectivo ... expresso de paz, das bandas do Lusitânia !

Vejamos agora em relação a toda a complicada questão do "transatlântico" do Almeida Santos. É, pelo acima exposto, que creio ser aconselhável de - quando em quando agitar as águas do Pacífico onde adormecem os nossos beiros e - koras-koras, para lembrar que, para lá dos corais de Lecidere, temos o petróleo nas profundezas da legislação marítima internacional.

Digo isto como opinião, de quem vê não só de muito longe como sobretudo deficientemente, porque quanto a mim ainda vai correr muita água nas nossas ribeiras até se conseguir que Jacarta se pronuncie de forma a acreditar-se que optou pela via do diálogo ... com uma 3ª parte. A Solidariedade podia continuar a activar esta campanha!

4- Jacarta conhece as nossas condições nas várias frentes da Luta :

1.a) no campo militar, sabe quanto tempo nos resta para nos "convencer" da "inutilidade" da oposição armada;

b) no campo político, embora esteja totalmente convencido de que só uma meia-duzia de "ferranhos" fincam o pé nas rupias... metade desses até se virará contra eles ;

2.a) no campo politico-diplomático, apercebe-se da sua fragilidade (não ouso dizer "cada vez maior") mas também conhece a fragilidade de Portugal.

b) Sabe que terá que enfrentar ainda muita batalha na arena

internacional, mas sente-se suficientemente forte para aparar os golpes, porque tem muitos trunfos para desperdicar.

Lembras-te que, na sueca, diziamos : "até mando putos às compras" e a nossa "embaixada" em Camberra foi flagrante exemplo, quanto à posição australiana, assim como o esforço dispendido por Garret Evans para dissuadir seus cidadaos a não virem no "lusitânia Expresso".

De tudo isto, fica sempre com a sensação de que o tempo joga a seu favor, porque, no plano interno, bastarão mais uns esforços bem medidos e esgotará as reservas das FALINTIL e conseguirá comprimir as esperanças do nosso Povo. (Comprávamos munições e, porque já sabe, está a ser-nos um grande problema).

No plano estratégico (muito longo, por mais longo que venha a ser), nada conseguirá fazer desabar as estruturas ideológico-espirituais da consciência popular. Mas um pensamento estratègicamente definido não é, com exactidão, a realidade vivida ou, mesmo, a realidade considerada em termos estratégicos. É certo que o plano superior das nossas acções está, tem a sua base de motivação no campo superestrutural, mas não é nada fácil fazermos corresponder os dois campos. As exigências da realidade são imensas e demasiado estendidas sobre o tempo. O tempo não contaria/pesaria muito se as condições não fossem estas com que suportamos ... o próprio tempo !

E o inimigo sabe que pode vencer-nos precisamente aqui, na medição do tempo. Os elementos da Luta não estão em desenvolvimento equilibrado. A hipertrofia de uns é desvantagem para outros. E este tempo aparece excessivamente difícil para o distinguirmos. As condições externas não são a aurora, antes um nascer do Sol nebuloso e Jacarta está capaz de pensar num tempo curto para vencer-nos e vai apostar no tempo, pelo tempo.

Nós só somos, só estamos capazes, de aguardar pelo tempo (nunca próximo) para ver Jacarta ceder e apostarmos, por nossa parte, num tempo, (continuamente a longo prazo) e perdermos o sentido, a noção exacta do próprio tempo.

Pertence agora Portugal - e não pode haver lugar para dúvidas - o papel de dar o rumo certo ao processo. Já iniciou os primeiros passos ao reconhecer o direito de participação dos timorenses no processo negocial. Foi um avanço, sensível na e sobre toda a Luta ! Mas havemos de chegar ao 2º semestre, repensando nos mesmos esforços que queríamos empreender e procurando renová-los.

III. Sobre a participação dos timorenses.

1. Esta questão, que, em termos globais, era fàcilmente equacionada, merece hoje cuidadosa percepção. Temos que procurar estabelecer ideias definidas sobre isto para que as nossas fraquezas não se resumam, em momentos mais decisivos e cruciais, a um consagrado desencontro de opinião com as nossas sumidades politicas.

O Sr. AA, para ultrapassar a sua própria frustação ou para revelar assomos da sua coragem política, já me embrulhou em bonitos lençois. O seu plano, que foi transmitido telefònicamente, fora aceite por Portugal e a DPP o traria - para assentar com Ximenes Belo e comigo, segundo a sua recomendação. Eu nem sequer lhe respondi e foi o ilustrissimo presidente da RDTL afirmar que eu concordava. Escreveste-me sobre isso, porém eu estava aguardando os portugueses ... para lhes informar que o nosso Povo tinha um plano, "pré-condição" para qualquer outro.

Já na sua entrevista, mencionou apenas o teu nome e o dele próprio como elementos imprescendíveis, relegando a CNT a uma importância secundaria. Mas, antes de prosseguir, gostaria de, com brevidade, abordar umas questões pertinentes.

a. Eu gostaria de que me falasses melhor sobre o clima politico da CNT, sob as perspectivas futuras das negociações. Apesar da tua carta, continuo confuso sobre a Direcção da UDT. Por favor, fala-me com certa imparcialidade porque minimizas em extremo a dita Comissão Política de Lisboa, apesar de que não - teceste apenas consideracões sobre a legitimidade da "fracção australiana".

Quanto a mim, as contradições são, por um lado, benéficas e, quando se agudizam, provocam, na maioria dos casos, saltos qualitativos que o movimento normal do processo - seja qual for - não consegue produzir. Noutras palavras, constituem o momento de ruptura com o estado de evolução sem inovação, pelo menos das ideias. Um estado assim sempre enferma o processo, arrastando-o ao marasmo de uma actividade desordenada, a uma prática de tapa-furos, indicadores da não influência activa dos agentes.

Devo dizer que os problemas internos, sem solução à vista, na UDT e na própria FRETILIN, sobretudo, estão a criar mal-estar nos combatentes armados. Eles sentem a falta de vontade política dos dirigentes, dos 2 partidos, como um insulto aos seus sacrifícios, como uma atitude de minimização ao seu sangue, à sua luta, aos seus esforços. Penso que não é difícil imaginares o estado de espirito deste punhado de homens que, mesmo assim, continua a depositar confiança em - vós todos aí fora.

b. Sinto enormes dificuldades para apoiar a "reorganização" da UDT no plano interno. Dos "grandes", existe uma situação geral de passivar expectativa. Alimentam sonhos ou esperanças mas não desprezam a realidade. "Não gostam" de dar nas vistas, mas parece que se exercitam em conciliábulos partidários. A gente não é capaz de chegar lá com "recorders". Mantemos "ligações" com uns poucos que se afirmam convictos e aconselham-nos a não alargar os contactos, pedindo para mantermos confiança neles. A segurança significa apenas : não serem molestados. Ou as regras da clandestinidade são excessivamente rigorosas ou é uma organização de absoluta clandestinidade. Se existe organização não existe vinculação com as bases.

Tanto te podia dizer que, da classe média, tudo virou praticamente FRETILIN, como que, considerando-se ainda da UDT participam com ardor sem desejar conferir carácter partidário à sua acção. Um pequeno grupo denominou-se "Comissários Politicos da UDT" e, segundo o que sei, mantém ligação com a Direcção no exterior.

Entre as massas populares e a Juventude, o proprio ocupante, há 16 anos, que vem identificando todo e qualquer "subversivo" por "FRETILIN"... e,

como o termo "maubere" em relacao a situacao colonial, todo aquele que se opoe a actual ocupacao militar ou se chama "GPK" ou "FRETILIN".

Presentemente, ja conseguimos apresentar um aparente, ou melmelhor, fictício equilíbrio de influencias político-ideologicas e, é bem verdade, que o apartidarismo ajudou imensamente. Eu próprio encomendei bandeiras da UDT, de Darwin, e uma esteve presente no 12 de Novembro. A Juventude só conhecia um nome : FRETILIN, hoje pode pronunciar : UDT, e compreendeu ou porque compreendeu a Convergencia. Mas, irmao, nao facas espaventos, guarda isto no íntimo para nao provocares "desfalecimentos" nos nossos "parceiros históricos" !

c. Vista de dentro, a UDT está simbolizada nos seus velhos guardiões, aí fora. Para lá disto, só fazemos votos de muitas prosperidades. A geracao das bases de apoio ainda nao assumiu as diferencas ideologicas entre partidos no no contexto de um sistema nao identificado com o poder marxizante, como prática popular de 3 anos, e à nova geracao ja só pode unir a UDT à FRETILIN no conceito da luta patriotica. A FRETILIN apresenta-se como o Movimento de Libertacao idoneo e a UDT aparece como um partido sem identidade.

Também a brincar, até te diria que, se um dia, os dois pensarmos em criar o PSDT, seremos a segunda força politica, no pior dos cálculos, mas ... isto está longe dos meus próprios calculos ! Se estiver dentro dos teus planos, teras o meu apoio, sob a estratégia do "colaboro mas não dentro". Bem, irmao, não é questao para agora e evitemos criar mais confusões na confusao geral! Porem, nao creio que a diversidade ideologica - em termos teóricos, por enquanto - que compõe a FRETILIN como Movemento se mantera assim, pelo tempo "afora" ...

Tenho cassetes de conversas telefónicas entre o Sec-Geral da UDT e os seus Comissarios, no interior da Patria. Miseria, e o que te vou reproduzir em ideias-chaves :

1- CP responsável : "Segundo as nossas investigacões (!???!), Paulo Pires faz parte de uma rede da "intelligence indonesia".

S-G : " Isso é verdade ?"

CP : " Exacto. Por isso alertamos a Direccao do Partido para expulsar a Sr.PP".

S-G : "Mas voces querem isso? Isso é vontade de todos os quadros e militantes (?!?), aí dentro?"

CP : " Sim ".

S-G : " Vou já informar o Gov. portugues sobre esse caso".

2- S-G : " Deus está connosco ... Que tal acham o ... (Mario Carrascalao) ?"

CP : " Ele no kompas, falou a favor da vinda da DPP".

S-G : " Quer dizer que podemos contar com ele ?"

CP : " Sim, podemos!"

S-G : " Ta bem, ficamos sabendo ... Mas desliga, os tipos estão à escuta ..."

CP : " Não ha problemas. Pode continuar. Deus está connosco."

E o diabo com a DPP, que não veio por medo de uDEUSt ! Total desorganizacao !!! Depreendo, por alguns contactos havidos, que nao existem ligacões entre a Direccao no Exterior e os "grandes" no interior. Penso que é esta a situacao politica na UDT. Eu creio bem que também não estarás em condicões de me dizere

se eles, aí fora, mantêm contactos com o Mário, o Mariano, etc, etc. Elementos da UDT me declararam que "o Chico Lopes é um cão".

Apreciei a galhardia política de Sec-Geral da UDT que recomendava sempre aos seus Comissários Políticos para manterem estreita coordenacão comigo. Estou a rever a Organizacão da F Clandestina - tivemos algumas baixas - e penso englobar os CPs/UDT orgânicamente, respeitando contudo as suas actividades partidáris ! As estruturas sempre "impõem" responsabilidades e deveres, estreitam as relacões nas actividades ... quando o espirito é são !

Aí fora, dá a impressão que, mesmo isolado, o PPires ainda se faz - ouvir, emparceirando-se, às vezes, com o nosso ilustre camarada. É necessário que, na UDT, as coisas se aclarem de vez para que não se ponha em causa a representacão da UDT. Estando tu lá representando o CNRM, não existem problemas de maior quanto à FRETILIN. Mais do que podes imaginar, eu sempre entendi a necessidade de "fazermos política" com a UDT; se fores aos meus documentos enviados à DFSE, em 84 e 85 e mesmo posteriormente ao AA, confirmarás a minha disposicão política de unir.

Os CPs da UDT, segundo eles proprios me informaram. organizaram-se por inicaitiva própria. São militantes do Partido e conheco pessoalmente alguns. UDT, aí fora e cá dentro : uma dessintonia de capacidades politicas, de níveis de reflexão e, talvez mesmo, de esforços desenvolvidos. A base está na ausência de uma estrutura orgânica, interna, para que as responsabilidades partidáris sejam activadas. Aparecem, em grandes linhas, " formacões" estanques sem veios de trans missão Digo formacões, porque, da cúpula, penso que implicitamente se consideram organizados. E tanto poderia chamar "círculos de amigos". São os graúdos e "não se metem na política" ... um e outro participam regularmente. Alguns actuando por influências pessoais e outros, talvez, mirando das suas rectaguardas "estratégicas". Os CPs são "pagawais" da classe média e estão integrados nas actividades.

Aqui dentro, não existe, por assim dizer, necessidades de maior de uma organizacão ampla dos Partidos. O que eu pretendia era uma representacão de cúpula da UDT, mas é mais facil escrever ao Domingos de Oliveira.

Durante o "período Robalo", o Mario Carrascalão mostrou-se, por diversas vezes, preocupado com a minha segurança, tendo inclusive adiantado propostas - que, activadas, lhe permitiria influenciar o Warrow no sentido de relaxar a situacão. Propôs também um encontro pessoal, secreto, comigo. Enfim, não provam nada mas são sempre indícios ... de boas ou más intencões. Aliás, também o Warrow me mandou cumprimentos, declarando que me respeitava como homem e respeitava as minhas ideias mas que, como militar, era seu dever capturar-me vivo ou morto. Não faças uso disto tudo, porque o intermediário pode correr perigo.

Este é o ponto da situacão !

2. O conceito "parte timorense" alcancava apenas a CNT + RA, porém hoje evolviu numa nocão cada vez mais abrangente. E quanto mais extensivo este carácter, mais delicada se nos afigura a sua compreensão.

Parece estar a desenvolver-se uma tentativa politica de tirar os maiores dividendos da Luta. A corrida (por antecipacão) ao poder manifesta-se em declaracões apressadamente eslaboradas ou desferidas tendenciosamente para inviabilizar

(ou viabilizar) iniciativas. A uma suposta abertura em busca da solucão para o problema. O AA entregou-me um problema de difícil solucão. Como se poderá, apenas, imaginar consenso entre opinioes divergentes ?

O Sr. Dr. AA formou um triunvirato interno - uma in/convergência em toda a linha, para todos os gostos e paladares ! Mário Carrascalão, Ximenes Belo e eu : três flâmulas, muitos propósitos num entendimento difícil, em todos os planos. Em todos, realmente não será, porque o denominador comum será a necessidade e a urgência de se pôr termo ... a esta merda. Caminhos talvez diferentes, se não são inversos. Todos estamos cansados de esperar, cada um, o momento de pôr em marcha os seus objectivos, políticos ou apolíticos mas que não fugirão de uma dimensão politizada.

a- O Mário, com uma "larga experiência" de um realismo convincente, será apologista da democracia económica e apresentará factos incontestáveis como provas de facto. E não seremos tontos ao ponto de arrancarmos, dos anais do marxismo, reproducões da doutrina proletária para fazermos propaganda anti-imperialista, com furiosos ataques às multinacionais que estenderam o seu manto "milagroso" sobre a Indonésia do Soeharto.

E o Carrascalão falará pelo que foi e está sendo feito e não pelo que se idealiza/rá fazer. A côr da bandeira não lhe interessa em absoluto e nunca tomemos o nacionalismo como fenómeno perene ou renovado no tempo, porque ele dirá que estamos longe do mundo e, o pior de tudo, é que acerta.

"Rounds" difíceis para mim, embora eu tente convencer-me de que o adversário também sabe fazer política !

b- O Ximenes Belo defenderá a tese de "a política é a ciência do possível". E, na transcendência inerente ao seu pragmatismo politico, se, no ror do que é possivel tornar-se vivência real, sob a bencão de Deus, o manter lacos simbólicos de união com a história secular é coisa que se alcance, ele estará pelo lado da ciência, porque não faz política. É a linha oficial, a que sempre subordinou. No fundo, os argumentos só variarão de pressupostos, sob a batuta dos "corredores do Vaticano".

Um duelo menos perigoso; por outro lado, o humanismo das perspectivas cristãs pode sempre sensibilizar facilitando o diálogo e, por outro, quero acreditar nele ...

c- Pertencer-me-á o campo do idealismo nacionalista como itens de reputacão e a consciência popular será denominada utopia, anacronismo, nas confrontacões teóricas. Para mais estou indefeso, na verdadeira acepcão do termo. Brandirei a ferrugenta espada de D. Boaventura para mascar pragas contra os batalhões do Tri Sutrisno.

Sei, porém, que não será guerra de palavras. Já na arena internacional, as palavras até estão especializadas em leis, direito, normas e principios. E não venceram ! Ao ar livre" com o nosso Povo, serei "herói"; sem ele, só terei forças para abandonar a sala ... Mais enfraquecido me torno quando existe divisão entre nós, todos, seguidores do mesmo ideal de Libertacão !

Consenso entre os três, é coisa improvável à partida. Acordos de compromisso, serão talvez uma necessidade da Luta.

3- As negociações, na óptica do chefe da DEF, resumem-se ao diferendo : integração vs independência. Para ele, a participação dos timorenses significará a distribuição de papeis aos timorenses. O conflito fica de novo reduzido ao conceito " diferendo entre Lisboa e Jakarta", porque suponho que, para o Dr. AA, a potência administrante é, por princípio (e lògicamente, por actos), defensora inflexível da tese independentista.

Os timorenses, os tais terceiros, dividir-se-iam pelos dois campos opostos. Timorenses no mesmo pé de igualdade ... numa batalha jurídica, que se tornará " guerra fratricida". Se Jacarta entregar a defesa das suas teses a timorenses pró-integração, caminharemos para o referendum e penso que Jacarta não desejará cair nessa esparrela politica ... que se lhe estender. Alias, sempre recusou !

Se eu pensar que Portugal está determinado a ir " até às últimas consequências", a menção de parte timorense nas negociações tem um significado - essencialmente simbólico, porque reconhece a justeza e a legitimidade da nossa Luta. Mas porque não penso assim sobre Portugal, a inclusão dos timorenses revestirá, logo de início, de uma importância própria,conjuntural. Tenho agora receio de mim mesmo e necessito de saber o que exactamente deseja Portugal.

"Sem pré-condições" tem um sentido amplo, um campo largo de manobra, condição para encararmos com a subtileza necessária a evolução das negociações no próprio desenrolar do processo. Sob este contexto, posso ter parceiros, mas não poderá haver uns representando outros; falo do interior, de representações daqui de dentro. Na 2ª hipotese, a dos compromissos, vós, que estais aí fora, sereis derrotados.

a- Esquivei-me da pergunta do "Liberation" quanto a uma estrutura, política, que estivesse preparada para assumir um poder democrático ... porque não vos conheço a todos, irmão! E ainda porque cada um parece ter uma estratégia no bolso. E isto é complicado para mim. É superior à minha capacidade de "decidir" pelo certo e pelo conveniente.

O problema é, agora, a definição do quem e do quê! Antes,concebia-se a CNT como um órgão representativo. Hoje, atrapalhamo-nos a diversificar revelando, em suma, as contradições no nosso seio. Nós é que temos que reconhecer que ainda não estamos capazes de corporizar a Unidade de Luta do nosso Povo! Dá-me a impressão que cada um pretende simbolizar o ideal de "independência"!

Quando o ilustre Dr.AA propõe um representante do interior da Pátria, saido de um entendimento entre os 3 (Carrascalão, Belo e eu), pretende dizer algo mais do que isso ; quando ele elabora suas ideias sobre timorenses no mesmo pé de igualdade, ele não quer apenas demosntrar que também possui opiniões próprias.

Os reptos são corriqueiros, tornam-se verdadeiramente desafio - quando prevalecem.

b- Se tivesse funcionado o RER, uma prévia consulta ao interior da Pátria, teriamos eliminados tanta disparidade de estrategias, de iniciativas, de

propostas. É verdade que o RER, no plano funcional, nunca poderia ser uma obra acabada. Não podia ser, obviamente, uma estrutura ideal, seria, isso sim, uma estrutura basicamente de renovação, nos seus inícios. As necessidades apareciam pela sua activação.

Se não estou em erro, o teu Memo ao Dr. Q-Santos foi posterior ao RER e, tivesse vingado uma vontade comum de servir a Luta, nessa questão do Memo, creio mesmo que teríamos estudado com muita atenção todos os pontos nele referidos e suas prerrogativas, se tivesse havido uma prévia consulta à Direcção no interior da Pátria. Se, em Maio de 90, já não merecia a devida atenção da nossa parte, foi porque, em 1º lugar, as confusões eram a situação aí fora e, em 2º, estava já elaborada a estratégia sobre a vinda da DPP. E o facto de ter visto o Memo -digo visto! -, permitiu-me apresentar uma contra-proposta ao Dr.Q-S.

O RER podia, portanto, garantir já o pensamento, como foi oportunamente expresso por ti, de que a Frente Externa prepararia, a partir de formulações (aceites pelo ou do interior), as fases iniciais do processo negocial. Em fases mais avançadas, a Direcção, no interior da Pátria, teria já que ser chamada a participar. Ao idealizar também assim, não desejávamos nem quero, de forma alguma, afirmar que eu ou nós que estivessemos mais preparados que vós. Seria apenas uma forma de actuação necessária, não só para forçar a Indonésia a fazer concessões no plano interno da Luta mas sobretudo para preservar o fundamental das conversações. O cerne da questão está aqui ; enquanto aí fora, podeis estar a "temer" por situações ou duvidar das condições existentes no terreno (por desconhecimento, por omissão ou por superficialidade de análise), nós, aqui dentro, nadamos nestas águas, encrespadas por vezes, sonolentas nalgumas ocasiões, turvas quase sempre, límpidas e serenas em alturas inesquecíveis, mas sempre em constante agitação.

Repito, se a Indonésia chamar timorenses para a sua delegação e Portugal a outra metade, caminharemos para o referendum. A FRETILIN, intransigente defensora da independência, abraça hoje, pelo seu Dr., a ideia de permanência transitória com Portugal. Neste pensamento, ele alinha com a UDT.

Quanto a mim, esta preocupação resulta da nossa impreparação colectiva (política, técnica e até mesmo burocrática) e a gritante carência de infra-estruturas para o arranque inicial! Mas Portugal, como escrevi ao D.Oliveira, não esta capaz de nos estender a bengala. É o que eu penso e pode não ser justo. Isso, no plano económico. No plano político, parece que existem receios, pois também parece que o "neo-colonialismo" já tem outra sonância ... dos tempos, para o 3º mundo, demasiado colorido de frágeis sistemas politicos e desgraçadamente dependente das leis do mercado ... dos multi-nacionais.

Ou então, é tudo "bluff" sugestivo! Com a mudança dos tempos, o pragmatismo é uma espada de 2 gumes!

c- O Dr.AA diz que vós, os dois, sois imprescendíveis e, quanto aos outros, tudo parece indicar que seria presença simbólica.

Refuto a ideia, pois não acredito que Portugal esteja verdadeiramente empenhado numa solução de "últimas consequências". Se assim fosse, eu aceitaria que, nas fases iniciais, vós "conduzisseis" o processo negocial. Mas porque tento compreender até onde pode Portugal chegar, com as suas diligências, possuo já outro

ponto de vista sobre quem devera ser e em que altura.

A FRETILIN, liderada pelo Dr.AA, reivindica o comando do processo. Se me coloco a margem, como Comandante das FALINTIL, tenho que ter garantias de que posso continuar a Luta Armada, se as negociacoes falharem ou se as posicoes assumidas, pela FRETILIN, dificultarem o diálogo. E as garantias devem ser-me - dadas já, pela FRETILIN.

É, neste contexto, que " reivindico" para mim, um papel imprescendível na fase inicial, e, para vós, o prosseguimento para acerto de interesses. Complementareis o que eu tiver aceite - falo com clareza ! O termo "imprescendível" pertence-me, por inerência, e não do AA. Tu, querido irmão, representar--me-ás. A não ser assim, borraremos as coisas.

Vistos, sob todos os aspectos, existem factores que devem ser bem cuidados. O factor psicologico e moral foi muito maltratado nestes últimos tempos . É necessário injectar novas energias e, quando o processo negocial conseguir imprimir um novo clima no territorio, poderemos calmatar desesperanças, - duvidas, incertezas, frustracoes e ... recuos!

Existe, por parte da populacão, e a caminhar para um espírito de resignacão, um sentimento de impotência, não propriamente nossa mas da potência - administrante. A propaganda psicológica sobre a incapacidade de Portugal, ganha credibilidade pelos factos. É um sentimento geral, tanto mais que sabem que as FALINTIL não estão capazes de continuar a exercer aquela pressão militar, em todas as zonas consideradas de controle da guerrilha.

Perante um quadro que não se apresenta com garantias optimistas, não creio que as coisas sucedam nos próximos meses. Necessito que me decifras o sentido das "negociacoes directas". Creio que, para nos permitirmos posteriormente a atender a presumíveis situacoes (condicoes favoráveis ou desfavoráveis na correlacão de forcas), devemos cingir-nos apenas a isto :

a - sou imprescendível logo na fase inicial das negociacoes, sempre que decorram no quadro de " sem pre-condicoes".

b - toda a representacão timorense, ai fora, terá que obter a - minha concordancia

c - definicão de uma estratégia comum (das "representacoes timorenses"), para responder as "negociacoes directas".

Creio que haverá, antes do momentum das negociacoes propriamente ditas, fases preliminares de contactos e discussões.

O Dr. AA, quando te menciona, ou pretende afirmar que és uma peca indispensável pelas tuas capacidades, inerentes as tuas actividades ou coloca-te como representando meus pontos de vista ou, ainda, tudo isso junto.

Eu possuo os meus pontos de vista sobre as negociacoes, mas neces--sito, antes de tudo, que me exponhas com clareza e sinceridade a tua estratégia. Has-de-me desculpar, mas so assim poderei confiar-te os meus pensamentos.

Abracos de todos nos.

Não sou contra timorenses no lado oposto; não os temo, mas como foi a vossa concepcão sobre o conceito? Como é a tua agora? Ponho estas questões porque desejo entender o papel a ser desempenhado por Portugal.

Um 3º elemento, numa discussão entre dois, pressupõe que a sua inclusão se destina a defender uma terceira posicão ou a calmatar deficiências de defesa de uma das (duas) partes. Parto do princípio de que a retórica portuguesa não deve ser tomada em termos absolutos. Creio mesmo que, realisticamente, devemos - considerar que Portugal não está em condicões de subestimar a sua grande dependência aos poderosos interesses económicos. Uma "solucão aceitável pela Comunidade - internacional" não reflecte ambiguidades, exprime uma indefinicão. Em minha opinião, Portugal está apenas interessado em ressalvar o erro do "abandono" com uma solucão honrosa. Há que pensarmos em todas as perspectivas. Estaremos mais preparados para o combate.

Tenho os meus "segredos" e, desculpa que te diga, necessito de confiar em ti... para todas as circunstâncias. E desculpa de novo, terás que te abrir a mim ... o teu pensamento estratégico, as tuas análises, as nossas perspectivas, a capacidade da CNT, etc., etc.

4- A "liberation" omiti a resposta a uma pergunta sobre se existe uma estrutura política para assumir um poder democrático. Teòricamente deveria existir e, aparentemente, teríamos que forjá-la. Evitei uma declaracão que não fosse capaz de corrigir. Para mais, temos uma CNT carente de terapias de choque. Deixo-te em aberto consideracões sobre isso. Eu não gostaria de ver repetido o erro de 28/Nov... com ministérios da incipiência nacional !

Mas não é exactamente sobre estruturas democráticas de poder que te quero falar. Quero é abordar o teu posicionamento face à CNT. Na verdade, tens que me mandar os teus fígados para eu ler ... a fim de que possamos falar uma só voz. Desde que consigamos acertar o nosso pensamento, claro que eu poderia desvendar já agora o que penso; na "Liberation" abri os cortinados para ver o mundo oprimido ...

Prescindíveis e imprescindíveis. Digo-te sem rodeios : eu sou imprescindível, representando uma Luta e com conhecimento amplo e profundo do factor interno. Necessário, logo no início. A batalha vai-se decidir no início e não no fim. Tu se-lo-ás, representando-me a mim, como Comandante das FALINTIL.

A CNT, vai-se pedir apenas presença simbólica, no início. Tanto o Sr. Dr.AA, como qualquer outro, pode ter as leis e os principios na ponta da língua, mas a palavra pertencer-me-á decisivamente. Seja o Dr. AA, como qualquer outro, no exterior ou cá dentro, não conhece metade dos belissimos meandros deste grandioso processo - afirmo-o sem veleidades !

Não irei discutir leis, vou procurar caminhar para a paz e, nisto de guerra ou paz, creio estar mais "apto" do que vós todos. Fica com este princípio e defende-o.

Existe tentativa do AA para virar as coisas, dificultando-nos os movimentos. Combaterás isso, sob estas ideias centrais :

1- Diálogo sem pre-condicões.

2- Negociacões directas, com a participacão dos timoernses - isto, é para remarmos a favor da maré.

3- O Comandante das FALINTIL é o elemento imprescendível logo no início.

4- O Carrascalão e o Bispo Ximenes Belo podem (ou devem) também participar, independentemente.

5- A CNT, necessário para a continuidade das negociações.

Por hoje é tudo, querido irmão. Vai um forte abraço de todos os guerrilheiros que te estimam.

Saudades,